

5

Conclusão

Conforme vimos, a modernização pela qual passou a principal cidade Argentina, Buenos Aires, ao invés de propulsionar uma maior unidade e segurança, sugeriu níveis inesgotáveis de desintegração e reembaralhamento das relações cotidianas. As mudanças operadas redundaram em questionamentos acerca da certeza na crença em um progresso infinito. A difusão da idéia de que os ganhos pertenceriam a todos, a modernização verticalizada, de cima para baixo, não encontraram uma contrapartida política ou social, contribuindo ainda mais para a sensação de estranhamento na nova urbe. De fato, as principais instituições argentinas do período mantiveram-se absolutamente distantes do corpo da sociedade. Tal corpo enxergava nos canais políticos poucas possibilidades de levar adiante suas reivindicações. Assim também, o orgulho ostentado por uma metropolização cintilante esbarrava nas formas literalizadas de expressão de lamento e perda de sentido.

As transformações ocorridas no perímetro urbano da cidade de Buenos Aires franquearam o surgimento da problemática da relação do passado com o presente. Representações simbólicas relevantes sobre o passado comum da cidade foram postas em xeque em nome de um discurso racional cuja base era a confiança em poder varrer os incômodos fantasmas de um tempo pretérito não tão bem sucedido.

Atmosfera inebriante, cuja percepção as vanguardas levaram à exaustão. Jorge Luis Borges opta por construir a ligação entre o passado e a perspectiva do moderno. Na verdade, percebeu que as possibilidades entre um passado circunscrito e um futuro dilatado, o presente apareceria frequentemente em sua forma transitória e imperceptivelmente breve. Assim, o escritor imbuído do espírito vanguardista conduziu ao paroxismo as modulações de recepção de seus textos e impulsionou publicamente as peijas do campo intelectual: os manifestos e os murais.

Pelo exposto das características modernistas, não foi difícil constatar que a empreitada em que se lançaram adoeceu por um defeito bastante característico segundo Jaime Alazraki: a narração modernista funcionava mais como pretexto, que permitia ao autor criar um mundo de impressões, um mundo de sons e ritmos, mas que esquecia, em muito de seus momentos, dos próprios fatos que estavam romaneando para extraviar-se em seus próprios devaneios de beleza e encanto. Conforme a crítica

apontada indicou, a renovação modernista não está motivada por um afã de intensificar o poder narrativo da prosa, mas está ancorada na tentativa de incrementar sua capacidade de descrição ou como diz Jaime Alazraki “*quietude e não movimento, descrição, não narração. Este traço explica seu natural declive poético (do modernismo), sua morosidade, suas demoras. Tudo devia se resumir em beleza*”.³¹⁷

Com efeito, Borges lançou-se contra tais premissas. Reverenciou, como vimos, uma arte que se esquivasse do dérmico, buscou uma linguagem pura e absoluta. Em nome do novo, Borges promove uma contrapartida literária estabelecendo uma ruptura nas letras em Argentina. O novo passa a ser lugar comum na literatura de vanguarda borgeana e enseja os movimentos de sua postura moderna. Mas como observamos no desenrolar desta dissertação, *Fervor de Buenos Aires* ofereceu a oportunidade de uma outra perspectiva.

Nesse sentido, a forte imigração, fez com que a questão sobre a heterogeneidade e homogeneidade da cidade aparecesse de forma urgente. Estes novos personagens compuseram um capítulo importante na configuração da Argentina moderna. É sinalizadora, então, a tentativa da imaginação em Jorge Luis Borges de reaver, numa cidade imaginária, a ausência destes novos homens e mulheres. Na invenção de uma cidade pretérita, estes imigrantes desapareceram e o escritor compôs uma Buenos Aires de ilusão e fingimento. A estranheza provocada por uma cidade que se moderniza a ponto de não ser reconhecida pelo escritor, revelou o quanto foi preciso, para Borges, resgatar imaginariamente uma cidade antiga, longe dos bulícios da Buenos Aires babélica. Buenos Aires, torna-se assim mais que a simples capital de uma país. Lá é onde se percebem as transformações que serão irradiadas para toda Argentina.

Em suma, boa parte da obra de Jorge Luís Borges da década de 1920 se revela um testemunho para percebermos o quanto a sociedade estava tensionada, com o meio intelectual vanguardista em verdadeira ebulição. E Borges, enquanto escritor, propõe uma nova leitura destes tempos conturbados.

Que se compreenda, neste momento final, que este trabalho termina na estratégia de desenvolver uma reflexão que ultrapassa este movimento. Seguramente, em algum lugar, incerto ainda, pretende-se-á voltar ao tema de Borges e sua vinculação com a ficcionalidade imaginária que, como não é difícil de prescrutar, está

³¹⁷ALAZRAKI, J., *La prosa narrativa de Jorge Luis Borges*, p 123.

além do que aqui se disse. No geral, a função dessa dissertação é a de sinalizar e aprofundar algumas hipóteses interpretativas que certamente aqui não se esgotaram.